

COMUNIDADE PORTUGUESA DE EUBIOSE

A BICICLETA

Contribuição para a pesquisa simbólica

por

Jorge Baptista

Conferência proferida pelo autor
na Comunidade Portuguesa de Eubiose
em 18 de Junho de 1998

COLECÇÃO ·  · SIRIUS

Ao Architecto Jorge Baptista agradece-se a publicação deste Texto.

Autoriza-se a reprodução parcial desde que citada a origem

Lá vai a bicicleta do poeta em direcção ao símbolo, por um dia de verão exemplar. De pulmões às costas e bico no ar, o poeta pernalta dá à pata nos pedais. Uma grande memória, os sinais dos dias sobrenaturais e a história secreta da bicicleta. O símbolo é simples. Os êmbolos do coração ao ritmo dos pedais – lá vai o poeta em direcção aos seus sinais. (...)

Extracto do poema “Bicicleta” de Herberto Helder

O trabalho que apresentamos não pretende qualidade literária, tal como normalmente é considerada, coisa que aliás seria impossível a quem vai captando, aqui e ali, relatos e ideias, socorrendo-se de uma memória relativamente boa para estas coisas que têm a ver com signos e símbolos ligados ao oculto e pseudo-oculto e, atando-as umas às outras como vai calhando, se preocupa mais com que o que escreve proporcione novos pontos de apoio às mentes interessadas na investigação, aos companheiros de estrada e de navio para uma ajuda mútua na compreensão do caminho a percorrer e do porto a atingir e ainda, que o que se apresenta se aproxime o mais possível das relativas verdades que o Cosmos vai possibilitando às almas atingir, nas suas particularidades de compreensão e realização divinas, inerentes a cada uma, não esquecendo que as **vêrdades**, seja qual for o seu grau, têm sempre que amadurecer.

Reconhecemos que a formação das academias é necessária, pois entre outras coisas, permite o ponto de convergência e encontro das conquistas do espírito humano incarnado e representa, no seu conjunto, o somatório das hipóteses, dúvidas e certezas acumuladas e reconhecidas numa época, no seu aspecto profano, mas que não deixam também, de ser sagrado, se coincidente com aquilo que convenciamos chamar: “prosseguir os objectivos do Propósito Divino”.

Há o pensamento académico rígido vertido em formulários, seguidos por aqueles que a esse pensamento se atêm. Não é este que consideramos, embora ele forneça princípios básicos formais, resistentes a possíveis desvarios do pensamento descontrolado.

Há o pensamento académico livre e criador que rompe com as amarras restritivas do anterior e faz com que as academias, cumpram verdadeiramente o seu papel no mundo, fazendo jus à sua origem, a folha de acácia.

Não vamos seguir os processos de um ou de outro tipo. Há nesses caminhos uma abundante informação em publicações ao alcance de todos, pelo menos teoricamente, mas vamos servir-nos, para abrir o trabalho, de uma obra

publicada que chamo de académica no bom sentido, para introduzir o tema. Trata-se do “**Dicionário dos Símbolos**” de Jean Chevalier e Alain Cheerbrant.

Vamos transcrever algumas passagens da Introdução e no item 2:

Abordagem terminológica

O emprego da palavra **símbolo** revela variações de sentido consideráveis. Para precisar a terminologia em uso, importa bem distinguir a imagem simbólica de todas as outras com as quais é demasiadas vezes confundida. Destas confusões resulta uma sensaboria do símbolo, que se degrada em retórica, academismo e banalidade. Se as fronteiras não são sempre evidentes na prática entre os valores dessas imagens, é uma razão suplementar para as demarcar com força em teoria.

O **emblema** é uma figura visível adoptada convencionalmente para apresentar uma ideia, um ser físico ou moral: A bandeira é o emblema da Pátria, o loureiro o da glória.

O **atributo** é uma realidade ou imagem, servindo de distintivo a uma personalidade, a uma colectividade, a um ser moral: as asas são o atributo de uma sociedade de navegação aérea; a roda de uma companhia ferroviária, a massa o atributo de Hércules e a balança o da Justiça.

A **alegoria** é uma figuração sob uma forma, a mais das vezes humana, mas por vezes animal ou vegetal, duma façanha, duma situação, duma virtude, dum ser abstracto; assim uma mulher alada é a alegoria da vitória, uma cornucópia é a alegoria da prosperidade”.

Prossegue o item dizendo o que é a metáfora, analogia, sintoma, parábola e apólogo e diz a seguir:

“Todas estas formas de expressão por imagens têm em comum serem signos e não ultrapassarem o nível da significação. São meios de comunicação, no plano do conhecimento imaginativo e intelectual que desempenham um papel de espelho, mas não saem do quadro da representação; símbolo **esfriado** dirá Hegel da alegoria; semântica dissecada em semiologia precisará Gilbert Durant.

O símbolo distingue-se essencialmente do signo, em que este é uma convenção arbitrária que deixa estrangeiros um ao outro o significante e o

significado (objecto ou sujeito), enquanto que o símbolo pressupõe homogeneidade do significante e do significado no sentido de um dinamismo organizador...”

O texto introdutório prossegue com mais considerações, tentando dar o maior número de informações possíveis sobre o que é símbolo e suas relações

E mais adiante diz: “O símbolo é portanto mais que um simples signo, ele vai além da significação.”

Já no item 3 - **A natureza indefinível e vivente do símbolo** declara:

“Viu-se como o símbolo se distingue do simples signo e como anima os grandes conjuntos do imaginário, arquétipos, mitos, estruturas.

Não insistiremos mais, apesar da sua importância, nestes problemas de terminologia. Convém aprofundar a natureza mesmo do símbolo.”

Vamos seguir o conselho e aqui nos desviamos do livro que consideramos utilíssimo aos interessados na matéria, pois contém uma informação abundantíssima e variada.

Vamos tentar aprofundar à nossa maneira, lembrando que não somos especialista mas tão só curioso, não ligando muito à académica terminologia correcta e precisa dos tratados e sim procurar dar um panorama acessível, tanto quanto possível, da concepção que fazemos e nos ficou do que aprendemos da vida, dos ensinamentos de J.H.S. e de outros.

Este trabalho destina-se principalmente aos eubiotas, àqueles que sentem no seu âmago a vibração do coração de Henrique e seja qual for o seu estado e participação na Obra, permanecem fiéis e vigilantes, embora por vezes o manto do esquecimento nos cubra e induza em direcções indevidas que não devem ser confundidas com a multiplicidade de trabalhos que, aqui e acolá convergem para o mesmo fim.

Na nossa visão e para o fim em vista deste trabalho, os símbolos são as marcas deixadas no mundo pelos Arquétipos, considerando estes como ideias-modelos vivas para tudo quanto existe.

Essas marcas penetram e ficam nos diversos planos da manifestação do ser, em seu desenvolvimento e multiplicidade de aspectos, nos mundos formativos e de existência plena, variando da extrema simplicidade à maior complexidade no plano concreto em que vivemos e temos consciência.

Podemos caminhar para a compreensão dos Arquétipos a partir da realidade aparente, concreta e imediata de qualquer forma e das associações de formas em outras mais vastas e complexas.

Forma é toda a porção de matéria modelada e **caracterizada** por uma alma. É a aparência que as coisas têm e essa aparência pode ser captada por cada um dos cinco sentidos, donde os termos formas sonoras, tácteis, visuais, gustativas e olfactivas, apresentadas na ordem do seu aparecimento no mundo.

Os símbolos, as formas, produzem em nós determinados efeitos subconscientes que passam ao consciente com maior ou menor facilidade, com maior ou menor deformação, segundo o grau da consciência **desperta** em causa.

Os símbolos vulgarmente conhecidos, porque tidos como tais, são os símbolos visuais, pois que correspondem ao sentido mais relacionado com a raça ariana a que pertencemos, no sentido de ser o que presentemente mais desenvolvido está para fornecer informação.

Tudo o que vemos é um símbolo, pois cada objecto, além da sua realidade no plano a que pertence, corresponde a um outro plano diferente, passe mesmo essa correspondência de objectos a uma subjectividade que vá ao abstracto e além dele.

É por isso que a Natureza é a maior escola simbólica, e o seu estudo o melhor meio para compreender a existência.

Os objectos naturais foram e são modelados pela inteligência pertencente à própria Natureza.

Os objectos artificiais são produzidos pela arte, e neste sentido de arte não se pretende nenhuma transcendência tão somente estética, mas o sentido de fazer; o uso da inteligência e actividade humanas na produção de um objecto, respondendo ao desejo de satisfação de uma necessidade. Por detrás de cada forma existe um propósito e a modelação dela, o seu desenho, tem que obedecer a esse propósito.

Propósito ou Desígnio é uma das características do espírito e é por isso que cada forma, natural ou artificial, resulta sempre num símbolo. Mas não é só ao Espírito, ao aspecto espiritual que tem de obedecer a elaboração da forma; tem que obedecer também às leis da Matéria, aos princípios que

permitam ser essa forma realizável. São esses princípios que permitem a enformação e a informação.

Um símbolo é uma enformação que dá uma informação ao espírito. Este revela-se sempre por meio de uma forma, ou modificação da matéria, o que nos leva à conclusão de que o espírito conhece-se a si mesmo através da matéria.

A separação de “O Que É” em espírito e matéria, tem sido uma dificuldade maior para a compreensão do real, na sua eterna transformação. No entanto a diferença existe.

Há uma forma simbólica, uma forma poética que nos ajuda a entender esta realidade primeira, se meditada profundamente. Trata-se dos dois primeiros versos de uma composição poética do alquimista Cilliani inserta no seu livro “Hermès Dévoilé”. Versos esses, traduzidos em português:

“De um par uno
Que não é senão um” (...)

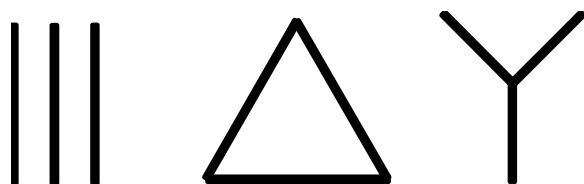
e nos referem a aparente dualidade na real unidade e também a real dualidade na aparente unidade, pois que tudo contém em si o seu contrário, pelo menos em gérmen, ou em potência.

Quanto mais simples é o símbolo mais ele se aproxima do maior e mais genuíno significado, no sentido de se aproximar do Arquétipo e menos susceptível de deformação pela mente emocional.

A base de simbologia para quem se dedica a estudos para-esotéricos é a **geometria e o número** como elementos mais simples, sendo isto aquilo que estabelece relações a partir da **não coisa**, o Akasha, sendo no entanto o primeiro elemento menos abstracto do que o segundo e uma aplicação desenvolvida deste.

Por exemplo, o número 3, é um aspecto quantitativo que implica 1+1+1. A geometria mostra-nos como esse 1+1+1 está relacionado.

Podem ser três segmentos de recta soltos, podem ser um triângulo, ou pode ser um feixe de 3 segmentos, partindo de um ponto comum, formando estrela.



As disposições são diferentes, e, conseqüentemente, diferentes são a sua utilização e significado que implicam. No entanto o primário é sempre a base numérica, o 3.

Estamos a falar de simbologia em relação à ligação intelecto-orgãos visuais, e chamo a atenção para isso, porque o pensamento universal utiliza todos os sentidos disponíveis, passando-se as relações, analogicamente, com eles todos. O que se passa com 3 segmentos geométricos, passa-se, obedecendo ao elemento ternário, com os sons de “AUM”, onde a simbologia se apresenta predominantemente sonora.

Naquilo que a vista apreende há um terceiro elemento importantíssimo para o estudante. Trata-se da cor. A cor é o elemento calor introduzido na frieza dos números. É de certo modo a componente **alma** nos símbolos visuais e que completa o ternário constitutivo deste tipo de simbologia, permitindo a entrada no indizível, na vida em si, traduzida nas particularidades manifestadas da existência. Por aqui se vê que a aprendizagem dos símbolos não pode ser meramente intelectual, **exige o desenvolvimento interno da sensibilidade à Emoção Universal.**

Os princípios desta simbologia universal podem ser percebidos através do material de estudo que a Comunidade Portuguesa de Eubiose possui.

Se se fizer o estudo retrospectivo e ao mesmo tempo vivo e participante da composição iniciática e trina — Escola, Teatro e Templo — instituídos por JHS^(*), chegar-se-á à descoberta e compreensão do mecanismo dos símbolos e da realidade que lhes está por trás, ultrapassando o falso misticismo devocionalista que cria e alimenta tanta da ilusão em que muitas escolas e agrupamentos mergulham os seus membros.

O membro da escola eubiótica tem que ter uma atitude inteligente, não ficando nos meros processos repetitivos, pois que a Eubiose exige a criatividade individual inserida na disciplina colectiva livremente aceite, se compreendida.

^(*) JHS - Sigla iniciática por que é conhecido o Mestre da Eubiose, Professor Henrique José de Sousa.
(Nota do editor)

Todas as escolas ligadas ao esoterismo usam a simbologia, mas pessoalmente considero a de JHS, a mais universalista, ao alcance da Câmara Externa e possuidora das mais profundas revelações de preparação para a Nova Era que já começa a desenvolver-se. Há no entanto uma exigência básica para o processo de desenvolvimento nesta Escola: Paciência e Ciência de Pax; humildade e atrevimento bem doseados.

O símbolo deve ser encarado como aquilo que é e não se substituir a outros que representa, e menos ainda ao Real que lhe deu origem. A confusão entre o real e o símbolo, quando o símbolo é uma imagem criada artificialmente, como um desenho, uma gravura, um relato de estados ou acontecimentos, de que, por exemplo, a Bíblia está cheia, têm levado os que fazem essa confusão – e note-se que nenhum de nós, enquanto não atingir um elevado grau de Iniciação está isento – essa confusão, repito, tem levado aos maiores disparates de confusão e atitudes, assim desencaminhando sensitivos, psíquicos e médiuns de uma correcta percepção e interpretação do que observam em planos mais subtis do que este, em que normalmente temos possibilidade de observar.

O ensinamento faz-se por símbolos. O Real é descoberto! Mas esta descoberta, que é pessoal, faz-se pela tradução e pelo alcance de significados cada vez mais profundos dos símbolos.

O exame dos símbolos deve ser feito com todas as potencialidades dos sentidos externos e internos, e para isso há a educação própria.

Há uma interligação entre a Alma de cada um e a Alma do Mundo, e esta vai permitindo e facultando a atenção aos símbolos de que cada um necessita para o seu progresso e o de seus companheiros, pois nenhum de nós está isolado e todos damos uns aos outros. Damos e recebemos.

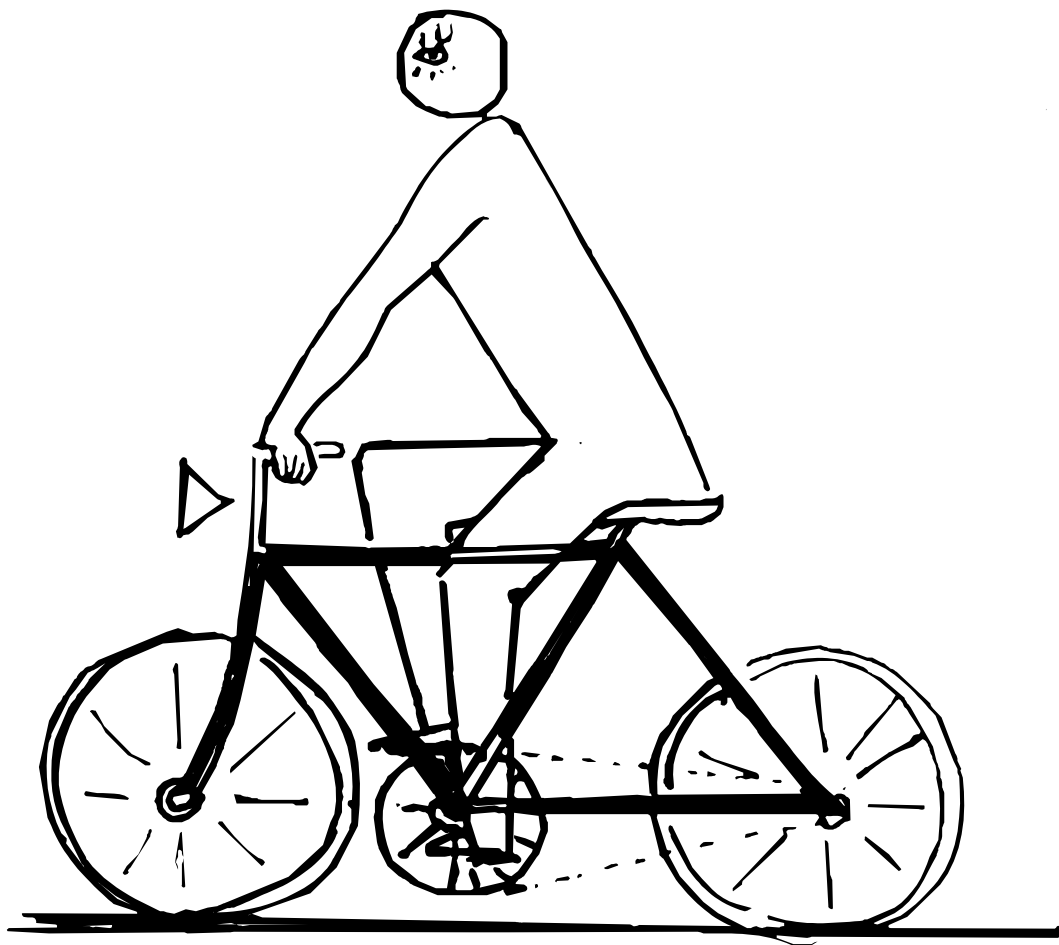
Muitas das publicações sobre os símbolos contêm algumas informações e conceitos erróneos, mais ditados pelo sectarismo religioso ou outro, do que por uma serena observação espiritual e respeito pelas regras esotéricas. Os verdadeiros significados descobrem-se sucessivamente nos planos mais subtis que o estudante consegue alcançar. Essas publicações contudo, não devem ser desprezadas, pois constituem pontos de partida (e às vezes notáveis) que o Destino põe à frente de cada um para se abalançar ao grande salto.

A imaginária simbólica, que religiões e filosofias usam, apoia-se nos elementos objectivos que o homem tem à sua volta, e varia assim de acordo com o meio em que vive, pois são as imagens que se formam e fixam na consciência objectiva que constituem o ponto de apoio à impressão, causada por qualquer coisa, que tem nos mundos subtis uma imagem desconhecida e como tal não pode ser apreendida, porque o cérebro físico não tem essa imagem no seu arquivo.

Essa é uma das razões porque as visões astrais criam tantos enganos no campo da conceptualidade. Elas têm que apoiar-se formalmente no mundo conhecido e, assim, serem reduzidas e adaptadas àquilo que cada um tem em sí; à sua formação mental e emocional.

Mas o mundo transforma-se, quer pela sua própria evolução, quer pelas capacidades crescentes de conhecimento e intervenção humanas neste mesmo mundo. E com isso a linguagem simbólica evolui e se enriquece.

A imaginária mais antiga está cheia de elementos e fenómenos naturais: – O Raio, o Mar, o Trovão e o Relâmpago, etc..., os elementos minerais, vegetais e animais; depois construções e edifícios, casas, carros e barcos; toda aquela imagem que pela sua função e disposição de desenho fornece uma motivação interpretativa.



Façamos agora a, “Descrição abreviada e parcial de uma prosaica **“B I C I C L E T A”**”.

Com certeza já todos ouviram falar do exemplo da carruagem, com o cavalo, o cocheiro e o passageiro, para simbolizar a complexidade da constituição e do comportamento humanos. É um símbolo próprio de uma época de carruagens, com cocheiro e passageiro. Antes disso era impossível usar esta imagem como símbolo.

Com o passar dos tempos, um novo objecto criado pelo engenho humano pode ajudar-nos a compreender essa complexidade do homem incarnado, com a vantagem de ultrapassar a separatividade: cavalo, carruagem,

cocheiro, passageiro, e mostrá-los como diferenciações funcionais do mesmo único ser. Isto só é possível porque, à separatividade dominante na consciência vulgar do estágio intermediário da consciência desperta, se vai substituindo uma crescente inclusividade a caminho da unidade.

Estamos a referir-nos à bicicleta, representação simbólica do veículo material humano e representação física do mecanismo da alma.

Assim como o corpo é a criação material da Alma Divina pré-existente, para nele se deslocar e ter experiências em mundos menos subtis, a bicicleta é uma criação do espírito humano incarnado, como um avanço na maneira de se deslocar no mundo físico que o rodeia. Ela, a bicicleta, é uma resposta à necessidade do espírito, respeitando as leis da matéria e em analogia com o mecanismo da alma.

Quem monta a bicicleta é o ciclista ou aquele que se manifesta por ciclos, que é o mesmo processo da reencarnação; obedecendo à lei física.

Todos viram já uma bicicleta e têm uma noção geral desse objecto.

Mas há ver olhar, e ver observar com atenção para perceber bem os delineamentos daquilo para que se olha.

O ver, observando, é o primeiro passo para entender os símbolos e o primeiro passo na carreira iniciática, e esta **observação com aplicação do espírito** leva-nos a discernir entre o essencial e o acessório.

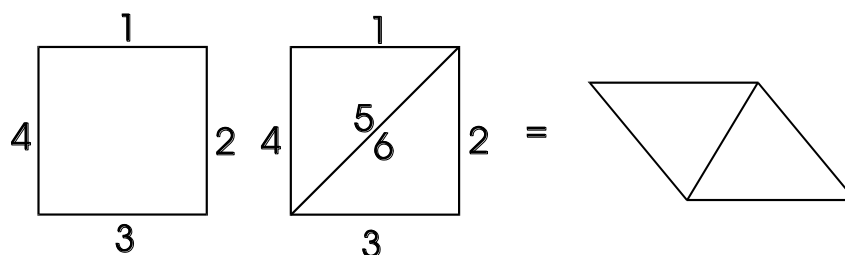
Regra geral, não se consegue fazer uma observação totalizante logo à primeira; essa é a faculdade de uma alma muito evoluída que funciona por intuição. Nós temos que fazer observações constantes, experimentar raciocínios e analogias, que vão dando respostas cada vez mais aproximativas às significações e significados que lhes atribuímos. É uma descoberta constante.

Suponhamos que estamos na nossa meninice e tentemos lembrar-nos da impressão que nos causou uma bicicleta. É um guiador com duas rodas a que a seguir juntamos um quadro metálico. Vamos crescendo e em observação juntamo-lhe a descoberta da roda pedaleira! Fascinante pelo seu pequeno tamanho, à nossa escala de então, e pela mobilidade de roda autónoma que gira, gira, sem significado aparente.

Continuamos a crescer e a nossa observação do conjunto, para nós primeiramente nebuloso de entendimento, revela-nos novas coisas! O quadro é um losango atravessado por uma barra diagonal.

Dêmos o salto, rapidamente, para a nossa idade actual e comecemos a conjecturar com a observação feita, aumentando-a de outra maneira, na base do simbolismo esotérico que se começa a subentender e a impôr ao espírito inquiridor.

O mistério do quadrado, base da manifestação material, suporte do universo mágico, quadrado que dividido ao meio passa de 4 a 6, pela introdução de um quinto elemento; pois que, de quadrilátero passa a um conjunto de 6 elementos, de dois triângulos, pois que, duas vezes três igual a 6.



Não vamos levar até à exaustão a análise de todas as possibilidades simbólicas que tal objecto oferece, pois a conferência tornar-se-ia ainda mais fastidiosa do que já é para aqueles que não têm dela prática, nem um interesse profundo pela simbologia, mas vejamos alguns aspectos, fazendo já uma transposição para outro campo.

Este quarto Manvantara ou Período Cósmico de Manifestação, chamado Terrestre ou da Aurora de Brahma, tem como dominante o número 4 e é composto e levado à acção por quatro forças-deuses primordiais. A integração de um Quinto que ao mesmo tempo é Sexto, torna o conjunto evolutivo coeso e indeformável e introduz-lhe o princípio de polaridade: dois triângulos opostos, um de impulso-movimento e outro de direcção, exactamente como na bicicleta: no vértice de um dos triângulos está a roda traseira de força impulsora que a faz andar e, no vértice oposto do triângulo, também oposto, se articula a roda da direcção.

Dois triângulos opostos e juntos que constituem os elementos básicos para a composição da estrela de seis pontas ou estrela da Virgem que, como sabem, é o sexto signo zodiacal.

O eubiota que aprendeu ser esta disposição bi-triangular emblema da Virgem Celestial ou Segundo Trono \diamond ou \triangle pode desenvolver o assunto com todas as suas implicações e aclarar a confusão que se estabelece em alguns pela multiplicidade de considerações sobre o Segundo Trono. É que, por analogia, o princípio é sempre o mesmo, quer se trate do Universo, do planeta, de um ser humano, ou da bicicleta.

Mas não esqueçam! Por analogia!

Segundo Trono ou Virgem Celestial é o ponto de encontro das energias do espírito e da matéria que se atraem, origem do movimento composto da força material e da direcção mental e quadro que liga o percorrido ao a percorrer, no mesmo sentido de que, no Segundo Trono, encontramos o **elo** que liga uma cadeia a outra. Falamos de cadeia no sentido Teosófico de Cosmogénese.

Consideremos agora o ciclista, o terceiro triângulo, sem o qual a bicicleta ou está parada ou só se desloca gravitacionalmente ou em plano inclinado e de maneira instável.

No vértice superior, a cabeça, está o propósito e a vontade da mente espiritual, sintética e conhecedora, que se liga a outro vértice – as mãos, agentes direccionais da mente. Outro vértice, o terceiro, é o da energia acumulada na base da coluna vertebral, que se transforma em força das pernas e pés. Ganha agora importância a pequena roda, menosprezada nas primeiras observações.

Se este triângulo superior se apoia no veículo, através da linha Touro-Escorpião, definido o Touro como o Guiador com a sua forma de cornos rodeando o olho da iluminação, e o Escorpião pela região sexo-anal ou sagrada e assento-selim da bicicleta, por sua vez esta mesma linha, base do triângulo superior, vai desarticular-se e atingir pelos pés (signo zodiacal de Peixes) os pedais, transmitindo a força interna, que é transformada pela terceira rodinha na autêntica energia motora material que promove a deslocação do veículo.

Vemos aqui a importância do triângulo de energias zodiacais Touro, Escorpião e Peixes na ligação das essências às formas físicas, simbolizando por sua vez a síntese principal do processo, pois a soma destes segundo, oitavo e décimo segundo signos (2+8+12) perfazem o total dos iniciáticos 22 arcanos maiores e dos 22 templos da Maçonaria Agartina dos Tachu-Maruts.

Este terceiro triângulo que perfaz o número 9, pois que $3 \times 3 = 9$, se considerarmos este nosso corpo físico e personal como a bicicleta, é invisível, pois poucos são os que suspeitam da sua existência e ainda mais raros os que com ele se identificam. Ele é também o Encoberto do arcano 9 da Iniciação e dos 9 princípios da Eubiose, que, através das duplas energias de potência e de direcção, pernas e braços abstractos, põem em movimento dirigido, o veículo físico de **peregrinação** através da matéria, como prova do grande princípio de realização mágica indicada por $2+2$ e representada no signo $2+2$ que conhecem os eubiotas mais adiantados, sigla viva pela qual têm a maior reverência.

Aqui não se podem dar explicações mais detalhadas pois que estamos a abordar o limiar do Mistério.

Chamamos só a atenção para que a medianeira Quinta barra, que liga o selim – apoio da força energia, à roda pedaleira – força motora e de salvação (o signo dos Peixes é o signo dos Salvadores), barra ou vara que assegura a integridade do sistema, é reflexo da análoga coluna vertebral do ciclista, formal ou informal, vara do conhecimento e acção directas e de iniciação entre os dois triângulos, do passado e do futuro, das forças do espírito e da Matéria.

Não estão esgotados os aspectos simbólicos da bicicleta e do ciclista. Podem e devem os interessados estabelecer outras correspondências em que este símbolo é rico.

Gostaria de ser membro da Comunidade Portuguesa de Eubiose?

São fins específicos da Comunidade Portuguesa de Eubiose promover o estudo, a vivência e a difusão da Eubiose tal como é postulada na Doutrina Eubiótica, pelos seguintes meios:

Desenvolver as tendências, atributos e virtualidades superiores, latentes no homem, de acordo com a tónica de Aquarius e a sua biorrítmica;

Consagrar objectivamente os cânones e características específicas da Nova Era cuja consecução será a Sinarquia Universal;

Contribuir para o enriquecimento dos conhecimentos da Humanidade à luz da conceituação do Novo Humanismo e Renascimento Aquarianos.

A Comunidade é rigorosamente neutra em matéria de natureza política e religiosa, não visando fins lucrativos.

Se está em consonância com estes princípios, solicite sem qualquer compromisso o questionário de ingresso.



Comunidade Portuguesa de Eubiose

www.cpeubiose.org

Apartado 4175

1504-001 LISBOA

cpe@cpeubiose.org